



O Espírito na missão contemporânea

The Spirit in the contemporary mission

Lina Boff*

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo

O protagonismo do Espírito na Missão nos dias de hoje se encontra dentro e fora da Igreja, tanto nos Movimentos eclesiais como naqueles laicais. Este fenômeno leva a Igreja Povo a rever sua posição diante da multiplicidade das mais variadas expressões de Espiritualidades que se multiplicam dia a dia. Num segundo momento, o artigo trata da fundamentação pneumatológica numa vertente bíblico-teológica que parte do Novo Testamento priorizando a teologia de Lucas em seus dois tratados (Lucas e Atos). Num terceiro momento, a reflexão apresenta o chamado do Espírito para a Missão de forma inclusiva. Os Doze e os Setenta e dois discípulos recebem o mandato, como a mulher também é chamada para a missão recebendo de Jesus o mandato indicativo.

Palavras-chave: Espírito Santo. Missão. Igreja. Contemporaneidade. Evangelização.

*LB: Doutora em Teologia, e-mail: linaboff@puc-rio.br

Abstract

The role of the Holy Spirit in the Mission today is inside and outside the Church, both in the ecclesial movements and in the lay movements. This phenomenon leads the People's Church to review its position in the face of the multiplicity of the most varied expressions of spirituality that multiply day by day. In a second moment, the article deals with the pneumatological foundation in a biblical-theological aspect that starts from the New Testament, prioritizing the theology of Luke in his two treatises (Luke and Acts). In a third moment, the reflection presents the Spirit's call to the Mission in an inclusive way. The Twelve and the Seventy-Two disciples were given the mandate, as the woman is also called to the mission by receiving from Jesus the mission mandate.

Keywords: *Holy Spirit. Mission. Church. Contemporaneity. Evangelization.*

Estamos vivendo e convivendo com uma explosão do Espírito Santo em quase todas as partes do mundo católico e de outras denominações religiosas também. A história da humanidade, talvez, não tenha tido uma experiência semelhante antes. As pessoas mostram uma sede de Deus que se manifesta na busca de viver uma espiritualidade sedenta do sagrado, do Absoluto, de um deus que se encontra nas boas energias da criação e por aí vai. São pessoas que buscam um ponto de referência que tanto pode ser Deus em seu Mistério como simplesmente viver uma espiritualidade.

Nesses fenômenos, percebe-se certa distância de unir racionalidade com essas expressões de vivência espiritual buscadas através da louvação, das preces gesticuladas e nas expressões livres que cada pessoa em seu Grupo Organizado ou Movimento se sente de fazer. Expressam sua espiritualidade através da palavra, do canto e até mesmo do falar do Espírito com a liberdade atribuída a Ele que as pervadem. Querem viver uma espiritualidade e não outra coisa.

Nesse contexto, a Igreja do Vaticano II hoje, está sendo invadida cada vez mais por esses Movimentos Carismáticos com suas ramificações e também pelas Novas Comunidades de múltiplas fundações que não é o caso de falarmos de cada um aqui. Tais fenômenos estão se manifestando sempre mais numerosos, com sua força e testemunho de seus seguidores

e seguidoras. O que querem é espiritualidade, não outra coisa. Há uma sede de Deus como ponto de referência para a própria vida.

A manifestação desse Espírito em nossos dias

Um dos primeiros movimentos que começou a se manifestar na Igreja do Brasil e no nosso continente podemos citar que foi o Movimento Carismático. Em suas primeiras manifestações pareciam pouco comprometidos com seu contexto histórico. Hoje, podemos dizer que tais Movimentos se encontram mais inculturados e inseridos, a seu modo, numa fé prática e também nos ambientes mais pobres e necessitados. Pode-se dizer que sempre mais tendem a dar forma ao Espírito na prática da fé evangélica.

Tanto aqui no Brasil como fora dele, em outros países, esses Movimentos de Espiritualidade estão se impondo por sua fé e insistência de afirmar sua pertença à Igreja Católica oficial. Em nosso país, por exemplo, há uma atenção por parte da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) de acompanhá-los nesse caminho, sobretudo pelo fato de atraírem muitas e variadas vocações jovens que aderem à proposta de viverem esta Espiritualidade, seja como leigo ou leiga, casado ou célibe.

O que se vê é que o Espírito do Cristo ressuscitado está sempre mais se manifestando através dos impulsos dados às pessoas de contextos diferentes daqueles das Comunidades Apostólicas, como temos visto. As pessoas dos tempos da nossa contemporaneidade sentem a necessidade de viver e experimentar as moções interiores desse Espírito, ora com mais e ora com menos consciência da verdade histórica de fé que dá continuidade da presença do Ressuscitado em nosso meio pelo seu Espírito.

Para muitos pode parecer que o emocional se impõe à fé e à prática de Jesus com sua pregação do Reino. Deve-se constatar, porém, que a aproximação que se faz das diversas formas de viver a mesma fé do Ressuscitado, a mesma Igreja fundada pelo Espírito Santo torna-se antes uma riqueza, que apenas diferença que nos separa.

As Comunidades apostólicas o Espírito e a Missão

Quando falamos do Espírito Santo incluímos a Missão que Jesus nos dá com a prática de sua vida histórica e antes de subir junto ao Pai. Essa Missão é dada em nome do Espírito e pela força desse o mesmo Espírito Santo. Por isso, Espírito e Missão vêm juntos; a missão em seu sentido geral é a forma com que o Espírito se manifesta naquilo que fazemos pelo Reino e por todas as coisas que realizamos para fazer cumprir o direito e a justiça em favor das pessoas desfavorecidas e mais pobres.

Em Marcos, por exemplo, a palavra Espírito tem um valor marcadamente antropológico, isto é, refere-se sobretudo às passagens que indicam a sede das percepções e das reações de compaixão e afetivas de Jesus. Quando Jesus cura o paralítico que foi colocado diante dele descendo pelo telhado descoberto da casa onde Jesus estava, alguns dos escribas que lá se encontravam criticaram Jesus não com palavras, mas com sua atitude e olhar de reprovação porque se dava o poder de Deus sem o ser. Era o que pensavam. Percebendo os pensamentos dos escribas Jesus se dirigiu a eles com estas palavras: *Por que pensais assim em vossos corações?* (Cf. Mc 2,4-8s).

Nesta passagem, Marcos nos mostra um Jesus que percebe em seu espírito humano o pensamento dos escribas que se achavam presentes. Estes são peritos na teologia tradicional, em que o perdão dos pecados e infidelidades eram atribuídos a Javé, como diz Isaias: *Eu sou o que apaga as tuas transgressões por amor de mim e já não me lembro dos teus pecados* (Is 43,25) e, por isso, os escribas se arrogam o direito de chamar Jesus de blasfemo porque perdoa os pecados do paralítico.

Nesta passagem vemos que Jesus reage com toda sua estrutura humana: percebe, sente e vê pelas atitudes tanto os pensamentos de crítica e de rejeição dos escribas, por haver curado o paralítico, como reagiu com o toque cheio de fé salvadora da mulher que sofria do fluxo de sangue e ficou curada (cf. Mc 9,20s).

O Espírito que irrompe nesses episódios em que Jesus cura o paralítico e a mulher que sofria pela doença considerada já incurável é a Missão realizada por Jesus quando passou pela terra curando e pregando o Reino do Pai. Dizemos que é a forma que o Espírito Santo dá a tudo aquilo que se refere ao

próximo e ao bem de todos e da humanidade. A nossa missão contemporânea é convocada a seguir Jesus nos seus gestos dentro da realidade em que nos encontramos. A partir desta realidade, somos pessoas convocadas a realizar nossa missão segundo o chamado que o Senhor nos faz.

Em Mateus, a palavra Espírito designa força vital (cf. Mt 27,50) isto é, a força que dá vida nova enquanto força de Deus que realiza ações do Reino do Pai pela Pessoa de Jesus e na própria Pessoa dele. Pela força deste mesmo Espírito, Jesus vence o demônio, e uma vez morto e Ressuscitado envia os discípulos para a Missão, isto é, a de anunciar a Notícia de tal evento a todas as nações do mundo pelo Espírito Santo com estas palavras: *Ide e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo* (cf. Mt 28,19).

O Espírito na Missão irrompe na doação total que Jesus faz de sua vida por haver pregado o Reino do Pai para todas as categorias de pessoas, atinge seu significado completo quando Mateus fala do grande grito de Jesus na cruz entregando seu espírito humano ao Pai (cf. Mt 27,50). O cumprimento de tudo aquilo que o povo de Israel esperava atingira o ponto alto da explosão da vida: a morte de Jesus era o começo da pregação do Reino como nossa missão primeira, que se plenifica com a doação total da nossa vida como a de tantos nossos mártires da América Latina e Caribe; como a vida de tantos povos perseguidos pela fé em países distantes; como a vida de tantas pessoas inocentes submetidas à morte em países onde a guerra toma conta e a violência se torna um fato normal do cotidiano desses povos.

Quando falamos do terceiro evangelista percebemos que a sua concepção de Espírito é veiculada pela formação que Lucas trazia e pela fonte própria de pesquisa utilizada por ele além daquela de Marcos e Mateus.

Lucas avança

Ao tratar da descida do Espírito Santo em Jesus, Lucas se distingue de Marcos e Mateus pelo fato de apresentar Jesus em oração no momento em que o Espírito desce sobre Ele em forma corporal de pomba (Lc 3,21-22). Para Lucas, este episódio não é tanto um momento de inspiração,

quanto de iniciação da missão de Jesus, que é a de pregar o Reino de Deus a todas as pessoas. A descida do Espírito que habilita Jesus oficialmente a esta missão é também a revelação de sua identidade de Filho de Deus. Para o evangelista, portanto, o Espírito dá a Jesus a identidade de Filho de Deus com uma missão específica, como dá a toda a pessoa de boa vontade como aquela consagrada pelo batismo.

Por este motivo, o envio de Jesus pelo Espírito Santo vem relacionado com os cativos, os cegos, as pessoas vítimas de doenças que oprimem o corpo e o espírito¹ e as excluem do convívio social e religioso do seu tempo. Para esta categoria de pessoas, Jesus vem proclamar o fim das suas aflições e o feliz início do tempo da justiça e da paz.

O Espírito que irrompe da missão programática do Filho de Deus se concretiza em atos muito concretos pela consagração de cada pessoa que recebe o batismo trazido por Ele. Somos pessoas batizadas e recebemos do Espírito Santo a missão como anúncio de vida que encarna um cristianismo aberto a todas as necessidades humanas e sociais.

Esse gesto concreto de estar junto com o pobre e o desvalido para darmos da nossa solidariedade e podermos contar aos outros o que vimos e ouvimos como os discípulos de João Batista que foram perguntar a Jesus se Ele era o verdadeiro Messias: *Ide contar a João o que vistes e ouvistes: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem [...] (cf. Lc 7, 21ss)*. Jesus não apresentou seu currículo de feitos, mas fez as coisas de sua missão. Este é o verdadeiro testemunho de toda a pessoa enviada para este mundo e toda aquela que é chamada pela consagração batismal.

Concluindo temos: a concepção antropológica do Espírito Santo em Marcos como protagonista da missão se faz presente através do nosso interior onde se encontram os desejos, as intuições e os pensamentos como ideias e percepções que nos levam a agir e a realizar a missão, colocando

¹ O espírito humano da pessoa é habitado pelo Espírito de Deus. O Espírito de Deus se une ao espírito da pessoa humana para suscitar dentro dela o grito da oração filial. Aqui Lucas é o evangelista que coloca a oração como elemento importante que prepara para a recepção do Espírito de Deus enquanto dom. Através da oração, o espírito humano da pessoa se une com o Espírito de Deus o qual realiza a transformação e a renovação do ser humano. Esta concepção podemos encontrá-la em Schweizer. no *Grande Léxico do Novo Testamento* (GLNT) X, p. 995 e n. 532. Boff também escreve na mesma linha em seu livro *Jesus Cristo Libertador*, Vozes.

a serviço toda a nossa estrutura interior humana, moral e psíquica. Em Mateus encontramos a concepção de Espírito Santo como força que dá vida a toda nossa iniciativa missionária, levando-nos à doação total da vida como Jesus que entregou seu espírito ao Pai e expirou.

Finalmente, partindo da teologia do evangelista Lucas e autor dos Atos dos Apóstolos, ele nos dá a entender que o Espírito Santo é uma Pessoa junto com o Pai e o Filho Jesus. Nesse sentido ele vai além da concepção de Marcos e de Mateus no sentido de afirmar que é o próprio Deus agindo em nós, nos envia seu Filho que viveu a nossa condição humana em tudo, menos no pecado. Lucas tende a nos mostrar que não é só o Espírito Santo atuando em nós, mas o Pai que envia esse Espírito a seu Filho e este dá forma concreta e histórica às coisas que realizamos pelo Reino.

Após termos visto a ação do Espírito nas Comunidades apostólicas queremos prosseguir com o tempo do Espírito nos Atos dos Apóstolos.

O Espírito na Missão em Pentecostes

O evento do Espírito no dia de Pentecostes domina toda a narrativa que Lucas escreveu no Livro dos Atos dos Apóstolos. O evangelista nos dá a entender que a pregação feita por Pedro, em seu primeiro discurso aos povos das diferentes culturas presentes em Jerusalém, revela a universalidade da missão com uma nota² perceptível e específica das comunidades que vão sendo criadas pela ação do Espírito Santo naquele contexto.

A ação transformadora do Espírito se expressa numa nova capacidade de comunicação e uma experiência profética³ a qual se

² Aplicamos o sentido que CONGAR, Y. atribui à Igreja em seu “Breve histórico da problemática das notas”. In: *Mysterium Salutis IV/3*. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 6-9, citado por Boff. *Igreja Carisma e Poder. Ensaios de eclesiologia militante*. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 172-173. A palavra *nota* sugere aquilo que se faz notável, perceptível.

³ Cf. COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos*, vol. I:1-11. Comentário Bíblico NT. Imprensa Metodista, Editora Sinodal, Vozes, Petrópolis 1989, 175.202; vol. II, 22.24.62. Pertence ao estilo próprio de Lucas mostrar a intervenção direta do Espírito que enuncia claramente a sua vontade. Os relatos lucanos, porém, nada dizem dos processos históricos que propiciam a intervenção do Espírito. Ao falar de “*Le opere dello spirito*”, 907, Sjöberg leva em conta a influência da tradição do judaísmo sobre a narrativa de Lucas. Segundo este autor, Lucas faz própria esta tradição e, assumindo-a como própria, articula-a com o espírito de profecia para apresentar a ação do Espírito de Deus através do profeta.

identifica com o anúncio inspirado e autorizado não só de Pedro, mas de todos os missionários que vêm depois dele (cf. At 19,6; 21,9). Em seu discurso Pedro considera três pontos diretamente referidos ao Espírito como protagonista da missão e como garante do testemunho das pessoas que pregam o Cristo Ressuscitado a todos os povos: o da efusão do Espírito, Jesus como doador desse Espírito e o terceiro ponto é a Vida Nova trazida pelo Espírito.

A efusão do Espírito

Com esta palavra, Pedro quer dizer a seus ouvintes que o Espírito se difunde, se derrama até se escoar e estender a todos os membros do povo de Deus sem discriminações. E para começar sua pregação Pedro toma a citação de Joel 3,1-5 para falar da efusão do Espírito como sinal dos tempos messiânicos porque ainda não dispõe de uma linguagem adequada para falar do evento do Espírito. O texto do profeta Joel assim se expressa:

Sucedará nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei o meu espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão. Sim, sobre meus servos e minhas servas derramarei do meu Espírito. E farei aparecerem prodígios em cima, no céu, e sinais em baixo, sobre a terra. O sol se mudará em escuridão e a lua em sangue, antes que venha o Dia do Senhor, o grande Dia. E então todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo (At 2,17-21; Jl 3,1-5).

Lucas quer dizer às Comunidades que a capacidade profética de entender a Escritura e de comunicar a palavra de Deus é dada a todos. E todas as pessoas que aí se encontravam ficaram repletas do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimissem (At 2,4). Com a sabedoria que vem do dom do Espírito, Pedro

prega à multidão tomando da Escritura aqueles textos que lhe permitem dar um sentido às coisas que todos estavam vivendo no momento⁴.

Segundo a concepção do autor do Livro dos Atos dos Apóstolos, Pedro argumenta que a ressurreição de Jesus entra no Projeto histórico do Pai, Projeto que anuncia a ressurreição do Messias com todo seu mistério pascal. Ora, uma promessa da Escritura deve tornar-se realidade histórica. Portanto, a ressurreição de Jesus tornada realidade, corresponde à Promessa profética de Deus (cf. At 2,22-23). Pedro prova aquilo que está pregando com estas palavras: [...] *tanto judeus como prosélitos, cretense e árabes, nós os ouvimos apregoar em nossas próprias línguas as maravilhas de Deus* (At 2,11).

Deve-se levar em conta também que Pedro toma citações do Antigo Testamento para pregar a Nova Notícia da ressurreição do Senhor da vida para se fazer entender melhor. Pois, a assimilação da experiência da ressurreição na palavra do anúncio do Ressuscitado, porém, chega mais tarde. Esse processo leva seu tempo. Só mais tarde, os apóstolos conseguem pregar o Ressuscitado a partir da lenta compreensão que vão tendo da inteligência da fé no Cristo ressuscitado pelo Espírito.

Nesta pregação de Pedro, Lucas ultrapassa os símbolos clássicos das teofanias⁵ ao descrever a experiência do Espírito e coloca o acento na reação das testemunhas de todas as nações (At 2,4-8). A universalidade na qual se insere o testemunho do Cristo Ressuscitado tem sua fonte de origem no Espírito que cria a Nova humanidade. A concepção teológica lucana sobre a força unificante do Espírito que mobiliza os diferentes povos elencados no discurso de Pedro (At 2,9s) é feita a partir do horizonte da fé e na compreensão desses povos aí reunidos por esta ocasião. Dentre os elementos que caracterizam a unificação dos mesmos destaca-se a

⁴ CONZELMANN, H. *El centro del tiempo*. Estúdio de la teología de Lucas. Madrid: Ediciones Fax, 1974. p. 141.209. MÜHLEN, H. *El Espíritu Santo en la Iglesia*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1974. parágrafo: 8.85.

⁵ Cf. MÜHLEN, o. c., parágrafo: 6.16. O vento e o fogo são sinais simbólicos de sua presença, bem como a pomba em forma corporal que desceu sobre Jesus no seu batismo. A cena de Pentecostes tem um significado programático como a do batismo de Jesus (Lc 3,21-22). O pneuma do Cristo é enviado de forma tão real e concreta como o Filho mesmo.

língua, expressão da identidade cultural típica de um povo⁶. As pessoas das diferentes culturas que lá se encontravam ouviram a pregação na sua própria língua, mas não que falassem em línguas.

O Ressuscitado é o Doador do Espírito

No segundo ponto, Pedro oferece a síntese mais rica da interpretação primitiva da ressurreição. Ele ensina que a ressurreição é a exaltação e a glorificação de Jesus porque Ele doa o Espírito que o ressuscitou. Em uma relação única com Deus, o Jesus Glorioso pode comunicar a todas as pessoas que creem o Espírito que agora possui em plenitude. Nesse sentido, a pregação de Pedro é clara: *Portanto, exaltado pela direita de Deus, Jesus recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e o derramou, e é isto o que vedes e ouvis* (At 2,33).

Esta afirmação significa que, com Pentecostes e o anúncio dos apóstolos se funda a Nova Comunidade de fé, a Igreja que deve estar aberta às dimensões da humanidade sem distinção de sexo, raça e cultura⁷. Dentro dessa concepção, a melhor garantia da universalidade da missão é a iniciativa gratuita e livre do Espírito em favor de todos os povos. Só o Espírito promove, na liberdade, novas relações e cria novos espaços alternativos de comunicação.

A Vida Nova trazida pelo Espírito Santo

À luz da exegese contemporânea, a teologia afirma que a Vida Nova trazida pelo Espírito colocada por Pedro em sua pregação consiste em uma

⁶ Cf. COMBLIN, J. *Os Atos dos Apóstolos*, o.c., p. 63 apresenta uma das interpretações que Lucas dá a experiência do Espírito. Esta é sugerida pela antiga tradição judaica a respeito do dom da lei no Sinai. É institucionalizada por Lucas porque lhe permite ressaltar a dimensão universal da ação do Espírito. Mas, “falar em línguas”, seja como for interpretado será um sinal de que, como todos os sinais religiosos, apela para a tomada de posição do ser humano diante de acolher ou recusar o dom do Espírito.

⁷ Cf. SAMAIN, E. “A Igreja uma Comunidade Libertadora e Criadora? Uma exegese de Atos 2,1-13”. *Revista Eclesiástica Brasileira* (REB), n. 35, p. 326-362, jun. 1975.

mudança de mentalidade. Diante do desafio proposto às pessoas daquele contexto, como ainda acontece nos dias de hoje, buscam “receitas” de como mudar de vida.

A resposta dada por Pedro é libertadora no sentido de que o Espírito tem o poder de dobrar os ânimos, de mudar as consciências, de renovar as mentes e desse modo dar à História um novo curso, abrindo os caminhos humanos de uma Nova Criação das coisas velhas.

Pedro quer deixar claro que o encontro com o Ressuscitado leva cada um a retomar a missão inaugurada pela descida do Espírito, missão não mais circunscrita à “Casa de Israel”, mas aberta a todos os povos porque Jesus é constituído Cristo e Senhor universal. E desse modo Lucas fecha a pregação de Pedro em seu primeiro grande discurso dizendo que o Espírito Santo, revelado agora perante o mundo (At 2,9-11), cumpre as palavras proféticas de Joel citadas no início: “*E então, todo o que invocar o nome do Senhor será salvo!* (At 2,21; Jl 3,5). *Arrependei-vos [...] e então recebereis o dom do Espírito Santo* (At 2,38)”.

O Espírito no envio dos missionários

Para a teologia de Lucas, o Espírito Santo chama e envia em missão figuras que a narrativa dos Atos dos Apóstolos destaca pela sua atuação missionária dentro e fora do povo de Israel. Dentre estas figuras, queremos falar da atuação missionária de algumas destas.

Filipe por exemplo, explica o sentido da Escritura ao ministro da rainha de Candace, o eunuco da Etiópia, com quem atua como instrumento a serviço do Espírito, dirigindo os seus passos numa catequese que se conclui com o batismo do eunuco. O Espírito ainda encaminha Filipe na estrada da nova missão ao longo da costa mediterrânea terminando em Cesareia.

Outras duas figuras de destaque são as de *Barnabé* e *Paulo*. Eleitos para a pregação entre os gentios, evidencia-se que o espaço e o lugar da revelação do Espírito é a comunidade reunida em oração e unida ao Senhor, como diz a citação bíblica: “*Celebrando eles a liturgia em honra do Senhor e jejuando, disse-lhes o Espírito Santo: ‘Separai-me para mim Barnabé*

e Saulo para a obra à qual os destinei'. Enviados pois, saíram para pregar o Cristo ressuscitado" (cf. At 13, 2-4).

Temos ainda os *apóstolos* por ocasião da primeira reunião realizada em Jerusalém. Esta reunião, considerada por alguns estudiosos Primeiro Concílio da História da Igreja tinha como objetivo esclarecer questões surgidas a partir da ressurreição em confronto com as exigências feitas pela lei de Moisés. Como conclusão das muitas e diferentes posições tomadas nesta ocasião sentem-se unidos com o Espírito Santo e se pronunciam, formando como que uma só pessoa com o Espírito, levando-os a agir diante das controvérsias que havia entre eles⁸.

Depois de haverem discutido a questão sobre as exigências da lei mosaica e o mandamento supremo deixado pelo Senhor Jesus com sua pregação, chegaram a esta conclusão: De fato, pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor outras exigências a serem observadas além das que já praticais [...] (cf. At 15,28).

O reconhecimento do papel decisivo do Espírito Santo na comunidade primitiva corresponde à concepção lucana, na qual ele não separa o testemunho do Espírito do testemunho dos apóstolos, mas o primeiro sustenta e ilumina o segundo. Podemos constatar na resposta que os apóstolos deram ao Sinédrio quando foram interrogados diante do Sinédrio porque pregavam o Ressuscitado ao que eles responderam: *Nós somos testemunhas de que o Deus de nossos pais ressuscitou Jesus e somos testemunhas disso, nós e o Espírito Santo* (cf. At 5,32). Nesse contexto revela-se a ação do Espírito, que guia o novo povo de Deus e fundamenta a sua identidade.

No caso dos *presbíteros*, colocados como guardiães⁹ da comunidade cristã de Éfeso para apascentar o rebanho, são advertidos: "*Estai atentos a*

⁸ COMBLIN/II, o. c., p. 56: A menção ao Espírito Santo não significa que está ligado de tal modo aos apóstolos e aos presbíteros a ponto de ter que aprovar e confirmar tudo o que eles decidem, nem que eles sempre serão a expressão fiel do Espírito Santo. Simplesmente, a carta diz que os apóstolos e os presbíteros chegaram à conclusão que o Espírito Santo não queria pôr nenhuma restrição à entrada dos pagãos na comunidade de salvação e, o Espírito Santo, assim decidiu que eles tinham de obedecer e abrir as portas às nações sem colocar obstáculos.

⁹ Cf. COMBLIN, o. c., p. 369: O nome "guardiães" traduz o termo grego *episkopoi*, bispos, que nos textos profanos e na versão bíblica dos Setenta designa os funcionários com uma função precisa de vigilância. Enquanto o vocábulo *presbyteros* indica a dignidade ou o papel genérico de um encarregado ou responsável, o de *episkopos* referido à mesma pessoa, designa a sua função. Esta é *logo* precisada: apascentar o rebanho, que é a Igreja de Deus.

vós mesmos e a todo o rebanho: nele o Espírito Santo vos constituiu guardiães para apascentardes a Igreja de Deus que ele adquiriu para si pelo sangue de seu próprio Filho” (At 20,28).

Na concepção teológica do evangelista Lucas, a dimensão comunitária da missão santificadora do Espírito se faz presente e atuante na comunidade de fé. O encargo dos presbíteros deriva do Espírito Santo que, por meio de mediações humanas, os coloca como os que guardam a unidade e o serviço da caridade. Lucas aproxima com imagens bíblicas esta missão, como a do “rebanho”, do “pastor”, palavras e expressões de que faz uso para comunicar sua mensagem¹⁰.

Ao concluir esta parte deve-se reconhecer e afirmar que, segundo a teologia de Lucas, o verdadeiro protagonista da pregação apostólica é o Espírito Santo. Os fatos que brevemente relacionamos, não podem ser explicados segundo critérios humanos. Estes leem e interpretam a História como um processo que também o é, mas não basta, pois tais fatos constituem o evento salvífico no sentido integral da palavra, evento rememorado na palavra que Jesus pronunciou sobre o cumprimento da Escritura a seu respeito: *O Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia e que em seu nome fosse proclamado esse mistério a todas as nações a começar por Jerusalém. Vós sois testemunhas disso (Lc 24,46-47).*

O Espírito Santo nas Mulheres

As primeiras testemunhas de Jesus na manhã da Páscoa são as Mulheres que fundam sua experiência de fé no Ressuscitado porque o conheceram e o seguiram na sua pregação do Reino andando de aldeia em aldeia (Cf. Lc 8, 1-3). Pela fé e participação ao mistério pascal são

¹⁰ VERGES, S. *Imagen del Espíritu de Jesús*. Persona y Comunidad de Amor. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1977. p. 355. A imagem do “rebanho” vem junto com o título de “pastor”. Jesus como Messias, representante de Deus, é o único e verdadeiro pastor. Por isso o título de “pastor” geralmente é reservado a Jesus (cf. 1Pd 2,25; 5,4). Os presbíteros têm a função de prolongar e continuar a função do único Pastor Supremo, que é o Cristo e Senhor de toda a grei de Deus.

colocadas na medida das “grandes obras de Deus”, das quais elas mesmas se tornam testemunhas insubstituíveis¹¹.

O que se quer dizer com isto é que a ressurreição não foi vista. O Ressuscitado sim! Donde: a ressurreição é deduzida a partir do Ressuscitado. No caso de Jesus, trata-se de uma pessoa histórica que as Mulheres conheceram antes de sua morte que se deu em lugar e data precisos, em Jerusalém. Quando Lucas, como também os outros evangelistas, falam da ressurreição, dizem que Jesus “aparece” (Mc 16,9b), “se revela” (Mt 28,9-10), “se manifesta” (Jo 20,15-16), “se aproxima, chega, está no meio deles” (Lc 24,36ss). A ligação entre o desaparecimento do corpo de Jesus e a sua ressurreição, enquanto vida nova trazida por ele é uma conexão lógica que nada tem de material¹².

Entre estas duas realidades — o desaparecimento do corpo físico de Jesus e a ressurreição — há uma continuidade irrefutável da vida do Jesus terreno e da vida do Jesus Glorificado. A modalidade desta continuidade faz parte do mistério de que fala Paulo na elaboração da sua doutrina (cf. 1Cor 15,51). Por isso, as aparições do Ressuscitado não são oferecidas indistintamente a todos, mas às testemunhas chamadas e enviadas. Foram estas pessoas que ouviram as palavras de Jesus e as observaram como palavra vinda da parte de Deus (cf. Jo 14,22-24).

Esta experiência encontra sua continuidade no mistério pascal e encontra também sua formulação para ser comunicada aos outros. A teologia continua reverente diante de tal mistério. Com humildade, busca precisar aquilo que faz parte da linguagem que comunica o mistério de como a Palavra do Pai chega a cada pessoas que chama e envia. A teologia busca ainda os recursos da apologética para anunciar o Ressuscitado além da ressurreição que ninguém viu — tudo em vista da missão dada às Mulheres.

A nossa fé é histórica

¹¹ Cf. JOÃO PAULO II. *Mulieris Dignitatem*. Carta Apostólica sobre a Dignidade e a Vocação da Mulher por ocasião do ano Mariano. São Paulo: Loyola, 1988, parágrafo 16 em que afirma esta concepção.

¹² Cf. CONZELMANN, o. c., p. 137; 280; 301-306.

A compreensão que as Mulheres têm da experiência de seu encontro com o Ressuscitado se encontra em íntima relação com toda a trajetória histórica de Jesus que prega o Reino¹³, na qual elas tomaram parte ativa (Lc 8,1-3). Não só, mas estiveram presentes ao pé da cruz, donde lhe vem o mandato do Ressuscitado para a missão. *Não temais: Ide anunciar a meus irmãos que se dirijam a Galileia, lá me verão (Mt 28,10)*. João também dá esta ordem a Maria Madalena: *Vai a meus irmãos e dize-lhes: Subo a meu Pai e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus!* Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: *Vi o Senhor e as coisas que ele lhes disse*.

Pergunta-se: Há expressão mais teológica e forte na linguagem humana do que *Vi o Senhor*, como Maria Madalena anuncia aos apóstolos? Mesmo assim, a narrativa do encontro do Ressuscitado com as Mulheres que se anteciparam e foram ao túmulo cedo, sofre sérias restrições por parte da teologia e da sua reflexão feita nessa perspectiva de inclusão. Sobretudo pelo fato de a própria exegese contemporânea haver dado boa atenção aos seus autores, também com respeito aos acréscimos que foram feitos a tais narrativas.

No entanto, a realidade em que vivemos hoje testemunha a presença maciça de mulheres. Elas tomam a frente da evangelização de nossas Comunidades Eclesiais, sejam elas de Base ou não, ou como acontece com as chamadas Novas Comunidades que fazem sua caminhada de fé em comunhão com seus pastores e movimentando muitas paróquias da chamada “manutenção pastoral”, como nos fala o Papa Francisco em sua Exortação Apostólica “A alegria do Evangelho” (cf. *Evangelii gaudium*).

O Espírito no trabalho das missionárias

A missão dada pelo Ressuscitado às *mulheres na manhã da ressurreição* como vimos é também colocada em evidência no Livro dos Atos e representada por aquelas que enfrentam perseguição e cativeiro

¹³ A continuidade entre as duas existências, a do Jesus histórico e a do Glorificado não se discute. A modalidade do transpasse faz parte do mistério como afirma São Paulo (cf. 1Cor 15,51).

junto com os homens por aderirem à pregação do Mistério de Jesus como o Cristo morto e glorificado. Não só, mas seu testemunho assume um aspecto de maior alcance quando, junto com os homens, as mulheres enfrentam o risco de perder a própria liberdade por se mostrarem fiéis ao Caminho do Senhor (cf. At 9,1-2), fato lembrado por Paulo em seu discurso de defesa pessoal diante dos judeus de Jerusalém em seu discurso de defesa: *Persegui de morte este Caminho prendendo e lançando à prisão homens e mulheres* (cf. At 22,4). *Saulo, entrando pelas casas arrancava homens e mulheres e metia-os na prisão* (cf. At 8,3).

Destacam-se outras que, ao escutar o anúncio da ressurreição acolheram a Palavra e se tornaram anunciadoras daquilo que haviam escutado¹⁴. Encontramos ainda, no mundo greco-macedônio, a conversão de *Lídia*, a negociante de púrpura da cidade de Tiatira e adoradora de Deus. Ao escutar a pregação de Paulo e Silas, abre seu coração à generosidade da graça divina que enche sua vida do sentido da atuação do Espírito (cf. At 16,4-5).

Chegado em Atenas, Paulo se dirige à “intelligentsia” da cidade com o clássico discurso de anúncio que o evangelista lhe atribui. Em um ambiente hostil, criado pela alta intelectualidade pagã e polarizada pelo grupo dos epicureus e dos estoicos, encontramos uma mulher com o nome de *Dâmaris*, participante do ínfimo grupo que adere à proposta de salvação anunciada por Paulo¹⁵.

Dâmaris deixa de lado a sabedoria pagã da autossuficiência para escutar a pregação de Paulo e acolher a proposta do plano salvífico de Deus que a ilumina para uma opção de fé consciente. Não se intimida diante das ideologias da cultura grega, ideologias que se abalam com o anúncio da ressurreição. Esta mulher acolhe o novo e o diferente com coragem e liberdade de consciência.

¹⁴ Cf. FIORENZA, E. “O papel da mulher no movimento cristão primitivo”, publicado na revista *Concilium* 111, 1976, 6-17. Levamos em conta também os comentários e a teologia feitos a partir de JOÃO PAULO II. *Mulieris Dignitatem*, 1988 AAS 80, 1988 de modo especial o parágrafo 16. Um grupo ecumênico de teólogas brasileiras fizeram uma interpretação desta Carta Apostólica e publicaram um fascículo intitulado: *O lugar da mulher*. São Paulo: Loyola, 1990 do qual citamos especificamente, p. 25-30; 39-44.

¹⁵ Cf. COMBLIN/II, em sua p. 85 narra: A pregação não foi totalmente ineficaz. Houve algumas conversões. Lucas cita o nome de Dâmaris, uma senhora que frequentava o círculo dos intelectuais da cultura grega.

Priscila da comunidade de Éfeso, junto com seu marido Áquila assumem a formação de Apolo¹⁶, homem culto e eloquente, versado na interpretação das Escrituras, mas que precisa de um conhecimento maior da fé cristã. Só assim poderá ter condições de pregar com exatidão o que diz respeito à vida, à obra e ao mistério de Jesus. Há indicações de que possui uma formação fundamentada na Palavra que a torna capaz de integrar a tradição cristã ao anúncio do evento da ressurreição; aprofundar a fé através da ciência sagrada em vista da missão que consiste em anunciar o Ressuscitado na comunidade e no mundo.

Ao falar sobre esse ministério, Lucas estabelece uma relação com o exercício do dom da profecia atribuído às Mulheres. A função de ensinar vai se delineando também através das várias vozes proféticas que se fazem ouvir nas comunidades visitadas e encontradas por Paulo.

Um caso típico é o da narrativa da viagem de volta para Jerusalém que Paulo realiza passando por Cesareia. Hóspede da casa de Filipe — o missionário da Samaria —, e encontrando-se num ambiente caracterizado por um clima carismático, Lucas dá esta notícia: *Filipe tinha quatro filhas virgens que profetizavam* (cf. At 21,9), sem nada mais dizer a respeito. Fato que merece um comentário na ótica da inclusão que o Espírito traz se derramando sobre toda carne. Sabe-se que a função de profetizar exercida por mulheres e homens indistintamente era um ministério importante na comunidade primitiva¹⁷, mas que foi se apagando aos poucos. Não só, mas desde o tempo dos profetas do Antigo Testamento ou até mesmo antes, fala-se de mulheres que profetizavam, como Hulda, Débora e tantas outras.

A função de quem instrui na ciência sagrada é a de abrir a mente da pessoa e iluminar os fatos concretos da história com a fé. A função de quem profetiza é a de deixar que o Espírito de Deus fale pela própria boca,

¹⁶ Cf. COMBLIN, o. c. Apresentado como homem culto e eloquente, versado na interpretação das Escrituras. O casal missionário expõe com exatidão o Caminho, que segundo Lucas chama o “caminho de Deus” ou “do Senhor”, instrução que segue percursos diversos desde um cristianismo arcaico pré-pentecostal ao carismático e espiritual.

¹⁷ Cf. SAOÛT, Y. *Atos dos Apóstolos*, p. 150-151. Segundo este, o Livro dos Atos parece abrir maior espaço para a atividade missionária das mulheres no contexto de atuação dos Sete Diáconos, e não da missão dos presbíteros. Outros autores afirmam que tais mulheres continuam a série das profetisas da antiga aliança como por exemplo, Mirian, Débora, Hulda e tantas outras; pode-se deduzir que para Lucas virgindade e profecia autênticas estão em íntima conexão.

falar das coisas antigas que Deus quer lembrar à comunidade no que diz respeito ao seu Plano de salvação.

O Espírito funda a Missão, prolonga a ação de Jesus na História e estende a salvação *até os confins da terra* (At 1,8). A obra do Espírito na História é progressiva e as pessoas que a levam a bom termo são homens e mulheres chamados e enviados por Ele. O Espírito não está ligado a lugares ou a pessoas, mas não as transtorna e nem as ignora na sua responsabilidade humana de anunciar o evento do Cristo Ressuscitado, Doador do Espírito a todas as pessoas que dão uma resposta positiva ao seu chamado, independente de raça, cor, sexo.

A Espiritualidade buscada hoje por tantas pessoas está intimamente conectada com suas ânsias de vida, de desejos não realizados, de se sentirem ancoradas a um ponto de referência que lhes dê sentido à vida e as ultrapasse nos seus sentimentos mais íntimos e profundos de encontrar a segurança doada pela fé. Daí a necessidade que esses grupos têm de levantar a voz para a louvação, de gesticular cantando, de fechar os olhos para invocar o Espírito que as move e as enche de sua glória e sua consolação.

A manifestação do Espírito, seja nos Novos Movimentos, nas Comunidades de fé que constituem as Paróquias, seja na retomada das CEBs e até mesmo nas históricas Irmandades e Associações presentes em todo nosso Brasil, o Espírito é invocado e vivido com outras formas de expressão moderada, pensada, com cantos que acompanham a liturgia e celebrações participativas sim, mas muito menos efusivas.

Contudo, a presença atuante desse mesmo Espírito Santo no meio do povo que invoca suas luzes e sua força continua se derramando sobre todos os povos que se abrem aos muitos Pentecostes que se dão nos vários recantos do Brasil de hoje.

Em todas estas manifestações, impacta o testemunho da presença maciça de mulheres no anúncio do Ressuscitado, marcando presença tanto nas periferias como nas obras e atividades sociais onde o Espírito se efunde com sua luz.

Considerações finais

Três pontos nos parecem resumir em poucas palavras o artigo de algumas páginas. Leitoras e leitores, não deixem de ler e de completar o que falta ao texto aqui publicado. Ninguém tem a verdade toda e nem a visão da realidade completa.

O primeiro ponto é conectar o Espírito com a Missão. O Espírito se faz presente com seus sinais porque pede para cada pessoa alguma coisa que Jesus deixou para realizarmos no espírito, que Ele mesmo fez, quando passou por esta terra.

O segundo ponto fala que é sempre bom renovar e fazer memória de que somos pessoas chamadas a uma missão e acompanhadas pelo Espírito doado pelo Cristo da Fé. Buscar o exemplo das primeiras figuras missionárias do Livro dos Atos dos Apóstolos, como a das Mulheres narradas por Lucas nos confirma na caminhada que estamos fazendo.

E o terceiro ponto, o Espírito nos imerge no mistério da Trindade Santa que consiste em dar glória a Deus Pai que enviou seu Filho para que aprendêssemos invocar e nos deixar conduzir pelo Espírito, assim como Jesus o fez em seu tempo histórico.

Referências

BOFF, L. *Jesus Cristo Libertador*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BOFF, L. *Igreja Carisma e Poder: Ensaio de eclesiologia militante*. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 172-173.

COMBLIN, J. Atos dos Apóstolos, v. I: 1-11. In: *Comentário Bíblico do Novo Testamento*. Imprensa Metodista, Editora Sinodal, Vozes, Petrópolis 1989. (175.202; vol. II, 22.24.62).

CONGAR, Y. Breve histórico da problemática das notas. In: *Mysterium Salutis IV/3*. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 6-9.

CONZELMANN, H. El centro del tiempo. Estudio de la teología de Lucas. Madrid: Ediciones Fax, 1974. p. 141-209.

FIorenza, E. O papel da mulher no movimento cristão primitivo. *Revista Concilium*, n. 111, p. 6-17, 1976.

GRUPO ECUMÊNICO DE MULHERES. *O lugar da mulher*. São Paulo: Loyola, 1990.

JOÃO PAULO II. *Mulieris Dignitatem*: Carta Apostólica sobre a Dignidade e a Vocação da Mulher por ocasião do ano Mariano. São Paulo: Loyola, 1988.

MÜHLEN, H. *El Espíritu Santo en la Iglesia*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1974.

SAMAIN, E. A Igreja uma Comunidade Libertadora e Criadora? Uma exegese de Atos 2,1-13. *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*, n. 35, p. 326-362, jun. 1975.

SAOÛT, Y. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1991.

SCHWEIZER, E. *Grande Léxico do Novo Testamento (GLNT)*. v. X. São Paulo: Paulinas, 1991.

VERGES, S. *Imagen del Espíritu de Jesús: Persona y Comunidad de Amor*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1977.

Recebido: 30/08/2018

Received: 08/30/2018

Aprovado: 25/10/2018

Approved: 10/25/2018